CANGAÇO E POLÍTICA: A ÉPOCA DE ANTÔNIO SILVINO NA IMPRENSA

*Marianne L. Wiesebron**

RESUMO

Nesse estudo, um número de jornais que cobrem várias tendências políticas foram analisados, isso de 1897, ano em que o pai de Antônio Silvino foi assassinado, até 1907, um pouco mais de 10 anos que cobrem os anos mais importantes de sua vida de cangaceiro. Na época, Silvino era o cangaceiro mais importante. Os jornais são quase todos de Pernambuco, um é da Paraíba, os dois estados onde atuou mais. Esses jornais eram orgão de um partido, ou apoiavam um partido, o que implicava que não eram publicados para ser informativos mas opiniativos. Um estudo desses documentos mostra que não são muito exatos quantos aos fatos, mas que representam um fonte inestimável para conhecer as alianças que existem em nivel de município e no estado e quais são os jogos de poder que se desenvolvem. O cangaço é frequentemente usado para atacar ou defender o governo. É interessante notar que a mesma situação existe em Portugal nos meados do século dezenove, banditismo usado para atacar ou defender a política do governo e as alianças que se definem nessas publicações.

ABSTRACT

In this study, a number of papers from a broad political spectrum are analyzed, from 1897, when Antônio Silvino's father was murdered, to 1907, which covers the most important years of his 'career' as a bandit. Silvino was the most important *cangaceiro* in his time. Most papers are from Pernambuco, one from Paraíba, states where he was most active. These were either the official representatives of a political party or the supporters of one, and thus were not published to inform but to give opinions. An analysis of the newspapers shows that they are not vey realiable as to facts but are very interesting for getting to know alliances within *municípios* and the state and which games of power are played. *Cangaço* is often used to attack the government or to defend it. Interestingly enough, in Portugal, in the second half of the nineteenth century, the situation was exactly the same: political alliances defined in newspapers and banditry as a good argument to start attacks between political enemies.

Para os estudiosos do cangaço, uma das fontes importantes é formada pelos jornais. Nesses se encontram relatos pessoais, artigos, comentários, editoriais e reflexões. São os jornais que seguiam com mais regularidade os

---

*Universidade de Leiden

eventos que tocam à vida dos cangaceiros, especialmente os mais importantes. Uma notícia sobre o cangaço interessava diretamente os habitantes de certas áreas do estado no qual um jornal era publicado. Além disso, podia ajudar a aumentar a tiragem por ser um assunto regional. Mas, durante esses anos nos quais o cangaço foi uma temática importante, os jornais eram mais opinativos do que informativos. Quando o jornal não era afiliado diretamente a um partido político ou até orgão do governo, seguia mesmo assim uma certa linha política. A polêmica prevalece e a diferença entre os vários pontos de vista é nítida, o que implica que um grande cuidado é necessário na abordagem desse material.

Nesse trabalho, serão estudados vários jornais que cobriram a atuação de Antônio Silvino, apelido de Manuel Batista de Morais, um dos cangaceiros mais importantes que existirem. Foi o grande precursor de Lampião, como Virgulino Ferreira da Silva era conhecido, e sua vida de cangaceiro começou após o assassinato do seu pai em 1897 e terminou em 1914, quando gravemente ferido depois de um encontro com a polícia, se rendeu à essa. O objetivo é analisar a relação entre a política e o cangaço, particularmente como a política influenciou a reportagem sobre o cangaço e cangaceiros, e se isso têm conseqüências para o uso do jornal como fonte de pesquisa. Os jornais da época estudados provêm quase todos de Pernambuco, exceto *A União*, da Paraiba. Esses foram os dois estados onde Silvino desenvolveu suas atividades mais importantes. Mas também atuou no Rio Grande do Norte e no Ceará. A quantidade de jornais e documentos encontrados em Pernambuco foi bem maior do que na Paraíba. Ultimamente na Paraiba, alguns arquivos foram completamente refeitos e encontram-se em bom estado. Infelizmente, antes disso muito material perdeu-se e, mesmo no material encontrado, palavras ou trechos são ilegíveis. O periodo da atuação de Antônio Silvino situou-se durante a Primeira República, quando o poder local se fortaleceu ainda mais após a mudança de regime, e que o cangaço teve a presença mais forte. Os jornais da época de Silvino refletiam essa transição, um mantendo o nome do tempo do Império, *A Provincia*, jornal conservador, um outro republicano que não achava o governo suficientemente republicano, o *Jornal Pequeno*, ambos jornais pernambucanos da oposição. Os outros dois principais jornais pernambucanos estudados apoiavam o governo, o *Diário de Pernambuco* que é o mais antigo diário da América Latina ainda sendo publicado, estava a favor da posição oficial porém teve a sua publicação interrompida em 1911 e 1914 , enquanto o *Jornal do Recife*, emitia algumas críticas de vez em quando. Na Paraíba, o diário estudado era *A União*, orgão do Partido Republicano, como estava indicado no cabeçalho e que se encontrou a partir do ano de 1907.[1] Para desenvolver a análise se fará um levantamento durante uma década, um espaço de tempo suficiente para o objetivo fixado. Esse período abrange os anos de

1897 até 1907, ultrapassando-se os dez anos para poder incluir o jornal paraibano. Durante esses anos, Silvino começou a sua vida de cangaceiro, podendo-se notar a sua importância crescente e, além disso, viveu os seus momentos mais notáveis.

O ano de 1897, começou com o assassinato de Pedro Rufino de Almeida Batista, pai de Manuel Batista de Morais, que levou esse último a tornar-se o cangaceiro Antônio Silvino. As divergências nos jornais já começam com a morte do seu pai. Dois artigos descrevem o acontecimento de modo completamente diferente: de um lado o *Jornal do Recife*, de 30 de janeiro de 1897, que retoma literalmente o relatório da policia sobre o caso; do outro encontra-se *A Provincia* , de 28 de março de 1897. No *Jornal do Recife*, no dia três de janeiro daquele ano, Pedro Rufino de Almeida Batista ameaçou Manuel Ramos, os dois sendo inimigos de longa data. Ramos procurou a ajuda do subdelegado e esse com o delegado e alguns paisanos foram para a casa de Pedro Rufino para capturá-lo. Mas quando Pedro Rufino procurou evadir-se, travou-se uma luta renhida e ele acabou sendo morto. Naquela ocasião, também, morreu Manuel Chaves Campos, que passava pelo local. Em *A Provincia*, a morte dos dois é descrita como "um crime hediondo e que causou a indignação de todos quantos o testemunharam..." Todavia, no dia dois de março do mesmo ano, José Ramos, ex-juiz de direito de Flores e "um dos principaes protagonistas d´aquelle horroroso drama de sangue", foi capturado. Essa notícia vinha de Afogados de Ingazeira e era assinada "O Imparcial" em 4-3-1897. [2]

No último artigo, José Ramos foi preso no município de Princeza, na Paraíba, onde estava se escondendo. Não fica claro se o tenente que o capturou, já o tinha perseguido a partir de Pernambuco ou integrava a força paraibana. No *Jornal do Recife*, Ramos se chama Manuel e em *A Provincia* José. Francisco das Chagas Batista menciona como assassino José Ramos da Silva e também que esse foi preso, mas depois conseguiu fugir e receber a proteção de Delmiro Dantas, da poderosa familia Dantas na Paraiba. [3]

O mesmo termo "crime hediondo" apareceu no *Jornal do Recife* , mas em relação com Antônio Silvino, num oficio do delegado de policia do município de Cabo. Esse delegado teria capturado Silvino que fora denunciado porque mantinha uma "pobre moça, menor e orphã, presa em um quarto da casa onde mora o celebre desordeiro Antonio Silvino,...". Essa menina ainda teria sido espancada por Silvino que estaria morando na casa com sua amasia de quinze anos. Prossegue:

> *"Antônio Silvino é conhecido como o terror dos lugares onde anda e a prova está que havendo quem tivesse noticia desse hediondo crime, não appareceu quem viesse denuncial-o senão por meio do anonymato."*[4]

Um ano após a morte do seu pai, Antônio Silvino já teria sido famoso, aliás malfamado. Vários elementos são estranhos aqui: Silvino mantendo preso e batendo numa menina durante algum tempo, não corresponde à sua imagem. [5] Segundo Linda Lewin, de vez em quando, Silvino podia ser violento contra mulheres socialmente inferiores a ele. [5] Teria morado, pelo menos há mais de um mês numa casa, o período em que a menina estava presa. Silvino sempre teve muito cuidado com a sua segurança. Nem os outros cangaceiros do seu grupo sabiam onde dormia. Silvino marcava um encontro com eles para o dia seguinte. [7] E nesse caso estaria morando junto com a amante e seus dois filhos, na mesma casa, expondo a sua família ao perigo de um encontro com a polícia, como ocorreu quando o delegado teria capturado Silvino, após— um cerco à casa. Depois de preso, o que teria acontecido com Silvino? Além disso, e fato mais importante, Manuel Batista de Morais não entrou no cangaço imediatamente após o assassinato do seu pai. Aguardou a ação da justiça contra os criminosos. Tampouco passou a usar imediatamente, quando entrou no cangaço, o nome Antônio Silvino. No início, integrou o grupo de Silvino Ayres Cavalcanti de Albuquerque e só assumiu o comando do bando após a prisão de Silvino Ayres, no dia 21 de novembro de 1898 - isso é após o fato supracitado - e só naquele momento teria mudado o seu nome. O Silvino seria em homenagem do Silvino Ayres: [8]

" *Quando a Silvino prenderam,*
Eu como chefe fiquei;
Para Antonio Silvino
Meu proprio nome mudei,
E por Manuel Baptista
Nunca mais assignei. " [3]

É realmente difícil explicar aquele artigo do *Jornal do Recife* . Parece improvável tratar-se de Manuel Batista de Morais. O que pode ter acontecido é que o cangaceiro tenha se inspirado do nome desse bandido. Nunca foi claro porque adotou o nome de Antônio. Para proteger a própria família cangaceiros tinham o hábito de usar uma alcunha. Era também para despistar a polícia, e por isso usavam, possivelmente, o nome de um ex-cangaceiro. Por outro lado, o retrato desse Silvino era bem antipático, para ter servido de inspiração a Manuel Batista de Morais, quando passou a usar seu apelido.

Entretanto, não é o intuito aqui de analisar a (possível) atuação de Antônio Silvino, mas só de estudar os elementos políticos nos artigos, editoriais e outros e não exclusivamente sobre Silvino - apesar de ter desempenhado o papel mais importante da época - mas também sobre outros cangaceiros ou

bandidos e matérias afins, como a polícia, o papel do governo na época de Silvino.

Assim, o *Jornal do Recife* retoma um artigo do *Diário de Noticias* da Bahia, do 23-12-1898, sobre mais de trezentos jagunços, "ostensivamente armados, em manifesta desobediencia, timbrando em não reconhecer poder nas autoridades locaes." [10] Em Pernambuco, a situação também não está calma em todas as localidades, como, por exemplo no Brejo e no Altinho, onde criminosos estavam matando e roubando. Uma força policial travou luta contra eles mas, infelizmente, tiveram que recuar porque os criminosos eram numericamente superiores. Para evitar que essa situação perdure, o "honrado Dr. Chefe de Policia acaba de tomar energicas providencias que assegurarão o triumpho da lei...". [11] O *Jornal do Recife*, obviamente, tem confiança na polícia e quer que o poder local seja respeitado.

O *Jornal Pequeno*, naquele mesmo ano, vê o problema da segurança pública de modo bem diverso. Num editorial sobre esse assunto, afirma claramente que o serviço de policiamento é ineficiente uma das razões sendo que a *profissão* sempre foi considerada *deshonrosa* e mal-paga. [12]

> *"A politicagem para viver e explorar as diversas camadas sociaes lança mão da escoria da gente para compôr os corpos de guardas da segurança publica.*
> *E não phantasiamos; porque ainda não ha muito mezes, foram expulsos do batalhão de policia daqui dezenas de soldados, por incorrigiveis...".* [13]

Segundo esse jornal, a culpa vêm dos homens de cima que só dão o mau-exemplo. Naqueles dias, é dado um exemplo concreto do péssimo funcionamento da polícia quando um alienado foi preso e espancado de tal modo pelos "*mantanedores da ordem* " que teve de ser atendido na enfermaria. Entretanto, o chefe de policia não noticiou o ocorrido ao Governador do Estado. [14] Os responsáveis desse crime não serão perseguidos, "visto o subdelegado do Poço da Panella, como todos os outros, ser um correligionario digno ". [15] O *Jornal Pequeno* prossegue:

> *" Não pode haver mais perigosa anarchia - o crime patrocinado pelas autoridades do Estado, num maior desprezo pela justiça ... quando por muito ruins que elles (os soldados) sejam, sempre são piores as autoridades superiores, que levam a politica para a policia, accenando com a impunidade para os seus sulbalternos até mesmo quando praticam crimes..."* [16]

Claramente não vê o triunfo da lei da mesma forma que o *Jornal do Recife*. O *Jornal Pequeno*, dois meses mais tarde naquele mesmo ano, acha que os diários deveriam comportar-se de maneira mais reservada de vez em quando. Infelizmente, nesse caso, essa idéia chegou tarde demais, mas tomará que no futuro seja levado em conta. Os diários não deviam ter-se prestado a participar numa campanha entre dois litigantes, que levou finalmente ao assalto à Usina Santa Filonila do Coronel Santos Dias. O Dr. José Tavares de Mello tentara, desse modo, recuperar a sua esposa que aguardava na usina do pai, seu pedido de divórcio. A filha mais jovem do coronel foi baleada naquele encontro. [17] O *Jornal Pequeno* ficou satisfeito e admirado com o empenho da polícia no caso, mantendo-se dentro da lei. [18]

A morte de Feliciana dos Santos Dias, que só tinha treze anos, causou grande indignação e muitas emoções na época. Até um retrato dela, ampliado, foi publicado no jornal, na primeira página, o que era excepcional naquele tempo. Antônio Silvino que não fora mencionado na época, depois sempre lamentou a morte dessa menina, que matou sem querer. Silvino tinha participado ao assalto a pedido do seu amigo, Tavares. [19] Todavia, a confiança desse jornal nas autoridades policiais não durou muito, já que o governo não podia descontentar amigos políticos, eleições sendo previstas:

> *"É claro de ver-se pelo exemplo conhecido, que o governo terá de abandonar os varejos nas casas dos amigos, limitando-se as dos adversarios, onde não será para acreditar-se que possa ser encontrado o Dr. Tavares de Mello."* [20]

Provavelmente, não eram amigos do governo, os proprietários da usina Coelho e do engenho d´Agua, em Santa Rita, por que os seus trabalhadores foram espancados brutalmente pela policia e o trabalho paralisado em conseqüência. Jornalistas de *A Provincia* comunicaram essa notícia aos colegas do *Jornal Pequeno*.[21] Esse tipo de ocorrência continuava, sem chegar à prisão do culpado. Além do mais, a polícia não queria mais que jornalistas estivessem presentes durante os interrogatórios de presos, o que o *Jornal Pequeno* não achou uma boa atitude.[22] Ao fim do mês, um editorial lembrou ao governo de Pernambuco, o artigo 122 da Constituição do Estado, que obrigava o Governador a nomear um magistrado de outro municipio para um inquérito rigoroso, quando num município um crime grave era perpetrado, ou com numerosos culpados ou a patrocinio de pessoas poderosas, tolhendo a ação das autoridades locais. A ação do governo, em todo caso, pareceu insuficiente, porque em maio de 1900 a notícia da prisão do Dr. Tavares de Mello acabou sendo só um boato.[23]

Entrementes, o governo da Paraiba iniciou a cooperação entre a força

dos dois estados para dar fim aos cangaceiros que infestavam a Paraíba, fugindo de Pernambuco. Antônio Silvino encontrava-se entre eles, e participou num grande tiroteio no Surrão em junho de 1900.[24] Outra vez, Silvino, encontrando-se no Rio Grande do Norte, na zona de Seridó, foi perseguido pela força da Paraíba e o cangaceiro Pilão Deitado morreu.[25] Ao longo do combate ao cangaço foram raros os momentos nos quais os governos de vários estados cooperaram. Aqui aconteceu de maneira mais informal: em outros momentos acordos foram assinados entre diversos governadores de estado. Isso, no entanto, nem sempre implicava que esses acordos fossem efetuados.[26] Em relação ao combate a Silvino, em 1908 os governadores de Pernambuco e da Paraíba, então apenas instalados, promoveram a cooperação e, em 1912, um acordo foi estabelecido entre os quatro estados percorridos por Silvino: Pernambuco, a Paraíba, o Rio Grande do Norte e o Ceará.[27] Silvino não mostrou-se muito impressionado com esse tratado e mandou o seguinte telegrama ao governador da Paraíba:

> *"Dr. Castro Pinto, Presidente Paraiba. Não tenho mêdo quatro Estados. Doutor José Rodrigues de Carvalho , pise o milho, faça a* massa *e dê a êsse* pinto *para comer, que o mal delle é fome. Antonio Silvino de Moraes"* [28]

José Rodrigues de Carvalho, então auxiliar do governo Castro Pinto, do qual Antônio Massa era o Chefe de Polícia, escreveu ter conservado o telegrama mencionado aqui.[29] Gustavo Barroso que cita o mesmo telegrama em *Heroes e Bandidos*, o apresenta numa versão mais elaborada que ele teria retomado da *Pacotilha*. Mostra claramente até que ponto, textos são modificados, mas, nesse caso não se sabe se foi pelo jornal ou por Barroso.

> *"Dr. Castro Pinto, governador bandido. Não precisava reunir quatro Estados para perseguir-me, pois garanto-lhe não saio de dois, fazendo perseguição ao seu governo. Doutor Massa toda perseguição que me fizer eu me vingo em sua familia. Doutor José Rodrigues pise milho, cesse* massa *e dê a esse* pinto *para comer, que o mal delle é fome (assignado) Antonio Silvino de Moraes"* [30]

Enquanto não existia tratado implementado, os cangaceiros conseguiam sobreviver tantos anos porque tinham a possibilidade de passar a fronteira de um estado quando eram perseguidos, sem que a polícia pudesse alcançá-los.[31] Somente quando a perseguição da polícia se tornou constante, quando foi movida de estado a estado, a vida de cangaceiro veio a ser quase impossível. Isso aconteceu depois do estabelecimento do Estado Novo, quando o Presidente Getúlio Vargas decidiu acabar com o cangaço. Essa perseguição levou à morte

de Lampião em 1938 e à de Corisco em 1940, o fim do cangaço. Em geral, só quando os perseguidores eram pessoas dedicadas, por motivos pessoais, apresentavam um perigo para os cangaceiros. A policia, mal paga e sem muita instrução , não tinha muito interesse em arriscar a vida em combate contra os bandidos.[32] Silvino, inclusive, pagava policiais para poder viver em paz. Indicou que gastou muito dinheiro com os comandantes das forças da Paraíba, por isso nunca esteve em risco de ser preso. Além disso, tinha prestado muitos serviços aos chefes políticos daquele estado, o que também contribuiu à sua segurança em terra paraibana.[33] Mas, não é só na Paraiba que Silvino tinha boas relações. Quando Silvino esteve no Ceará, graças à ajuda do coronel Belém, residente no Crato, conseguiu fazer assentar três dos seus cangaceiros como praças na policia.[34] Não era invulgar que bandidos passassem à policia, não só no Nordeste mas também na América espanhola e na Europa. [35]

Voltando ao ano de 1900, enquanto Silvino estava ocupado na Paraíba, no município de Floresta a autoridade judiciária foi assassinada pelo irmão do delegado da polícia e gozava a proteção desse último. O delegado foi uma das figuras políticas proeminentes de Floresta. O editorial do *Jornal Pequeno* lamentou a nefasta politicagem, onde chefes locais no interior protegiam assassinos.

> *" Impunes têm ficado muitos crimes de morte porque, entre nós, a satisfação da vontade partidaria tem outro valor que não a magestade da lei.*
> *Felizmente o actual governador de quem nada pretendemos e cuja educação politica não inspira sympathias a nossa fé republicana, tem se mostrado, em diversas vezes, interessado pela sorte dos habitantes do centro do estado e, differentemente dos seos antecessores, não se tem feito surdo ás reclamações justas dos adversarios que habitam as zonas sertanejas - tão desprezadas que eram as suas queixas."* [36]

Mas, mesmo assim, esse jornal prosseguiu pedindo providências enérgicas ao governo, porque a depredação pelos cangaceiros continuava no interior do estado, aliás nem sempre tão longe. Dessa vez ocorreu em diversos lugares do municipio de Bom Jardim, situado no agreste. Um pedido parecido ja tinha sido feito para o mesmo município pela "nossa distincta collega *A Provincia*" e era útil para ser retomado pelo *Jornal Pequeno*, reforçando o seu requerimento. O *Jornal Pequeno* aproveitava, às vezes, os jornais matutinos para a sua edição, na tarde do mesmo dia. Esse último jornal solicitou ao chefe do policia não conceder a liberdade ao célebre desordeiro "Molecão". Um

político da situação governista teria a intenção de tirar o "Molecão" da detenção.[37]

O *Jornal do Recife*, segundo o *Jornal Pequeno* "orgam insuspeito do governo" e por isso com muito mais confiança no governo do que o *Jornal Pequeno* ou *A Provincia*, explicou que o sofrimento dos sertanejos causado pelos cangaceiros, era devido ao governo da Paraiba que não conseguia fazer-se respeitar, que se encontrava numa situação de anarquia, único termo que podia ser usado. Os cangaceiros, descritos cometendo todos os crimes imagináveis, "encontram na terra parahybana, para vergonha della, agasalho, carinho e protecção". Nesse editorial, a solução proposta é que o "honrado" governador do Estado que já tomou todas as medidas necessárias faça mais sacrifícios para impedir os cangaceiros de penetrar no território pernambucano.[38] Como era de se esperar, um paraibano, Diogenes da Nóbrega, reagiu imediatamente a essas criticas. Na administração "perniciosa e jesuitica" de Gama e Mello, os cangaceiros infestavam a Paraiba mas, na administração atual de José Peregrino, há três anos Governador do Estado, a situação mudou radicalmente. "Em 48 horas, conseguiu extinguir o JOGO DO BICHO, e, há três anos persegue impiedosamente os bandidos. Graças à energia desenvolvida, conseguiu prender um que está sendo *rigorosamente processado,...* A administração rigorosamente republicana que com ... "competencia e patriotismo, vai praticando o Dr. José Peregrino, está se impondo ao respeito e admiração do todos os parahybanos". Entre outras coisas, consegue "garantir e assegurar todos os direitos, inclusive o do VOTO, caso de rara excepção, actualmente no Brasil". Nóbrega conclui escrevendo que se tratava da verdade, franca e desinteressada.[39]

O *Jornal Pequeno*, apesar de pernambucano, parecia acreditar no empenho do governador da Paraiba. Descrevendo a zona de atuação de Antônio Silvino, nos municípios de Bom Jardim e Timbaúba em Pernambuco e nos de Ingá, Campina e Cabaceira na Paraíba, pede ao Dr. Gonçalves Ferreira, Governador de Pernambuco auxiliar o Dr. José Peregrino. É só numa ação conjunta que se podia esperar um resultado. O chefe de polícia, Dr. Gonçalves de Mello, tinha auxiliares capazes de efetuar essa tarefa se ele tivesse a boa vontade necessária.[40] Contudo, após a morte de um sargento da polícia, o governador decidiu mandar uma força de quinze praças, sob o comando do alferes Thomé, à busca de Antônio Silvino, que, segundo artigos ulteriores, pareceu ir na direção oposta à de Silvino. Naquele mesmo artigo, Silvino confirmava poder contar com a proteção de mandões da política.[41] Uma maneira de poder gozar dessa proteção é prestando serviços, como Silvino já afirmou. Todavia, a proteção nem sempre funcionou como desejara. Segundo Silvino, amigos de Epitácio Pessoa tinham lhe prometido perdão mas, de alguma

maneira, isso não realizou-se e, em 1903, quando relatava essa história, dizia ter ódio do Dr. Epitácio. Se Silvino não pudesse contar com "alguem do governo, estaria perdido". E o irmão de Epitácio estava o perseguindo naquele momento.[42] O coronel Antônio Pessoa era um fazendeiro em Umbuzeiro, na Paraíba e pertencia à oposição. Silvino, naquela região, gozava da proteção de famílias ligadas ao poder. O seu irmão Epitácio, lhe escreveu do Rio de Janeiro, avisando-lhe que devia ter cuidado nessa perseguição a Silvino, uma das razões sendo que os dois, mas principalmente Epitácio, tinham muitos inimigos no Rio de Janeiro.[43] Para *A Provincia*, o coronel Antônio Pessoa é "nosso distincto amigo" e é graças a sua perseguição e a de José Gouveia, ambos por motivos pessoais, que alguns membros do grupo de Silvino foram presos.[44] Um deles, Rio Preto, no depoimento que fez à policia de Pernambuco, confirmou que em todos os lugares da Paraíba frequentados por Antônio Silvino as autoridades dispensavam-lhe proteção.[45] Possivelmente, o empenho do Governador da Paraíba não era tão grande assim, como o *Jornal Pequeno* esperava ou queria fazer acreditar na sua critica do governo do próprio estado.

O jornal *Commercio* da Paraíba, parecia não sentir muita amizade pelo governo daquele estado, como comprova o seguinte boletim pregado à porta do jornal:

> *"Sobre o consta do assassinato do juiz municipal do Ingá, mandamos a palacio um reporter, o qual ouviu de s. exc. o governador do Estado nada saber o governo a respeito."*[46]

Os governos de Pernambuco e da Paraíba eram criticados abertamente por certos jornais. Em outros momentos, os mesmos jornais apresentavam umas sugestões aos governos para resolver o problema do cangaço, o que poderia ser uma critica mais subtil. Porém, a maioria das observações eram bastante diretas. Uma dessas recomendações data de 1904, quando o *Jornal Pequeno* lança de novo um apelo ao governador de Pernambuco, Sigismundo Gonçalves, por ocasião da visita do governador da Paraíba, Álvaro Machado ao Recife: que os dois, entre os quais existem relações à nível pessoal, cooperem para acabar com o grande bandido Antônio Silvino. A prisão dele "depende exclusivamente da actividade do governo e da energia dos governos dos dous estados... sobretudo... para com os proprios amigos, porque os adversários não terão a coragem de prestar auxilio a Silvino, sabendo que os amigos da situação perseguem a fera hedionda." Se Silvino for realmente perseguido, não terá mais tempo de fazer presentes a seus *protegidos*. As ligações mais perigosas ou "perversas" são aquelas entre Silvino e "certos mandões politicos que delle se utilizam afim de prejudicarem seus inimigos". No dia em que as pessoas

mais importantes, dos dois estados, fizerem o seu dever "perante a civilização", Silvino não poderia mais atuar nesses estados. Só depende da coordenação entre os dois governadores, que já poderia começar naquela visita.[47] Mas, segundo um comentário ulterior, a perseguição de Silvino ainda deve ser aguardada porque o "governo de Pernambuco cruza os braços diante da serie de crimes e roubos praticados, e para sophismar as providencias promptas e energicas, que devia tomar, envia forças volantes ao mando de officiaes medrozos". O chefe politico local manda nessa força "desviando a bôa marcha do delegado do governo", se o achar necessário. Por outro lado, os cangaceiros não parecem ter muito medo da força policial. É o caso de Cocada, que foi o número dois do grupo de Silvino até que os dois brigaram e se separaram, mas, mesmo assim, trabalhando juntos quando era preciso. Cocada, chamado *Alferes Cocada de açucar branco* pelo coronel Antônio Pessoa, comprou cinco quilos de carne de Ceará que fez distribuir aos "MACACOS que alli passarem para comer, visto o governo não ter coragem de dar-lhe o que comer para poder perseguil-o". Uma força comeu efetivamente a carne e o jornal acha isso vergonhoso.[48] Já que a polícia de Pernambuco e da Paraíba são "impotentes", e Silvino continua ativo, há oito ou novo anos, apesar de só percorrer uma área bastante pequena, seria o momento de pedir a ajuda do Exército Federal, especialmente após o ataque de Silvino ao correio, uma organização federal. Sobre esse assunto, *A Provincia* retoma primeiro um artigo de *A União*, especificando que esse último jornal é o "orgam official da Parahyba", do dia 11 de fevereiro de 1906, onde é narrado o assalto à estafeta, e segundo um artigo que saiu uma semana depois, no dia 18 daquele mesmo mês, do semanário em francês, a *Etoile du Sud*, publicado no Rio de Janeiro. A *Etoile du Sud* propõe que o Brasil segue o exemplo dos Estados Unidos, lembrando aquela vez quando o presidente americano pediu o auxílio do exército federal porque anarquistas em Chicago bloquearam um trem e, desse modo, impediam o funcionamento dos correios, uma instituição federal. *A Provincia* apoia essa idéia com entusiasmo, já que a polícia não faz nada, em todos esses anos de "perseguições reaes ou fingidas". O jornal até está com medo que alguns companheiros de Silvino, encarcerados, estão aguardando o *habeas-corpus*, "graças á incuria de nossas autoridades". Talvez, também poderiam ser soltos porque não existe processo algum, "não ha a menor prova legal a garantir-nos a punição dos criminosos audazes e vergonhasamente apadrinhados".[49] Possivelmente, devido a esse tipo de crítica, o *Diário de Pernambuco* publicou uma declaração do Chefe de Polícia, Santos Moreira, ao Secretário Geral do Estado, Elpidio de Figueredo, onde ele nega que não existem processos contra Silvino e os seus companheiros. *A Provincia* confirma que existem alguns mas são pouquissimos em comparação ao número de crimes cometidos.[50] Todavia,

também não deve ser esquecido que Silvino cometeu menos crimes do que foram relatados ao longo dos anos. Tanto outros bandidos como a polícia abusavam do seu nome.[51] Por outro lado, deve ser notado que Silvino nunca foi interrogado, pelo menos nada consta, nem mesmo uma referência a esse fato, enquanto alguns dos seus companheiros foram interrogados e os depoimentos publicados com todos os pormenores nos jornais. Além disso, Silvino só foi julgado em Olinda, para três delitos: o assassinato do inspetor Nicácio em Trapiá em 1905, a morte de um homem em Tatus em 1906 e o assalto à cidade de Macapá em 1904. Foi considerado culpado no primeiro e terceiro casos e inocente no segundo.[52] Assim, *A Provincia* pode ter uma certa razão.

Em novembro de 1906, o governo federal ordenou, de fato, que uma força de cem soldados do exército, sob o comando do capitão Formel, se preparasse para tentar capturar Antônio Silvino e seu bando, não só para a salvaguarda dos correios mas também para a requisição do superintendente da *Great Western Railway Company*. No dia 9 de novembro daquele ano, Silvino tinha parado o trem usado na construção da estrada de ferro de Itabaiana a Campina Grande para pedir trinta contos de réis a Great Western, que estava construindo a estrada ali sem o seu consentimento e passando na sua propriedade.[53] O exército tomou parte no combate contra os cangaceiros, mas sem êxito, apesar de toda a confiança do governo da Paraíba nessa força, segundo *A União*.[54] Esse jornal encontrou outro meio original de defender o governo e a falta de sucesso na captura de cangaceiros: o povo tem medo, é covarde, lhe falta confiança, é desanimado. Isso vale tanto para a população do próprio estado como para a de Pernambuco.[55] Outros elementos mencionados são a fraqueza ou a indiferença de muitos.[56] A Great Western, por seu lado, teria preferido pagar a Silvino, a metade da quantia exigida, para poder inaugurar a linha sem problemas.[57]

Aliás, em 1907, não só o Capitão Formel e seu batalhão, mas também militares da polícia e uns civis armados, num total de quatrocento homens, tinham como tarefa de capturar Silvino e seu grupo que contava no máximo com doze cangaceiros. O capitão Formel declarava que, de qualquer forma, Silvino não se encontrava na área onde a sua força estava.[58] Sobre o exército, Silvino parece ter mandado o seguinte telegrama ao governador da Paraíba:

> *"Peço v. exc. retirar força federal interior Estado. Prometto nada mais fazer. A minha palavra é como um tiro".*[59]

Esse telegrama teria sido mandado após ao ataque à vila de Pilar, na Paraíba. Entretanto, só consta no *Diário de Pernambuco*, que indica que os termos do telegrama são mais ou menos esses, e não em *A Provincia* ou em *A*

União que também deram, antes, notícias sobre o assalto. Pelo contrário, em *A União*, Silvino exigiu que a sua estada no Pilar não fosse comunicado pelo telégrafo.[60] Parece bem mais sensato não querer chamar a atenção para a sua presença num lugar por um meio de comunicação tão rápido. Silvino era perfeitamente consciente que uma infra-estrutura melhor piorava a sua segurança. Uma parte subjacente do seu conflito com a Great Western era devido ao fato dessa companhia também ampliar a rede telegráfica. Em contrapartida, gostava igualmente de mandar recados às autoridades, como aquele telegrama ao Presidente da Paraíba, Castro Pinto, em 1912. Sua visita ao Pilar foi tampouco um evento discreto: assaltou a casa do Comendador Napoleão, um comerciante, por esse lhe ter passado uma nota falsa. O tipo de assalto, varia de relativamente civilizado, só recebendo uma grande soma de dinheiro em compensação, a um ato selvagem, quebrando grande parte do interior da loja de raiva, dependendo do jornal. Mais que provavelmente, depois distribui moedas ou coisas pequenas ao povo, numa ação bem pública. Conversou com o delegado e lhe ordenou soltar os presos.[61]

Contudo, em 1906, antes do convite ao Batalhão de Segurança, a polícia teve algum sucesso e conseguiu prender alguns companheiros de Silvino. Os depoimentos eram publicados extensamente nos jornais. Entre outras coisas, achavam interessante relevar nomes de coiteiros. Assim, Relâmpago contou à polícia que quando entrou no grupo, Silvino ressaltou que o grupo tinha protetores de prestígio como o *coronel José Luiz Salgado*, o *Capitão Emilio Rezende* e a familia *Martins* da Paraiba. Tinha amigos que o avisavam das diligências policiais, até da saída de uma força de Recife, entre eles o subdelegado de Surubim. O pai da amasia de Silvino lembrou outros protetores importantes. Foram nomes que Silvino lhe tinha citado para provar que podia casar-se com a sua filha.[62] Em outros depoimentos, apareciam, de novo, nomes de pessoas influentes ou subdelegados que protegiam Silvino.[63] Todavia, não eram só nesses momentos, que nomes de protetores apareciam nos jornais. Especialmente *A Provincia* publicava os nomes das pessoas que Silvino encontrava ou, senão, os nomes das propriedades por onde passava, para sublinhar quem eram os amigos ou protetores de Silvino. Entretanto, de vez em quando, *A Provincia* mudou de tom e salientou que pessoas, como o capitão João da Figueira, eram "forçados" a proteger Silvino porque "se achavam ameaçados" por ele.[64] Sem dúvida, esse capitão que fora nomeado pela amasia de Silvino, durante o seu depoimento, era um correligionário de *A Provincia*.

Também é bom registrar quais são os amigos na polícia, frequentados por Silvino, como um subdelegado do distrito de Salgadinho, Bom Jardim.[65] Às vezes, *A Provincia* não consegue conter a indignação:

"Sabe quem é o sr. Nestor Gomes, sr. Dr. Sigismundo Gonçalves? Sabe quem é o sr. Philomeno Gomes, sr. Dr. Santos Moreira?
Procure-nos no rol dos subdelegados de Bom Jardim, districto de Serra Verde? Foram demitidos agora?
No tempo em que esconderam Rio Preto *mereciam toda a confiança da politica do governo e do sr. coronel Joaquim Gonçalves."* [66]

De fato, mesmo quando uma força não era muito amiga de Silvino ou de Cocada e saíram em perseguição de um ou outro grupo, como o destacamento de Timbaúba, voltavam sem encontrá-los. Segundo um habitante de Timbaúba, o destacamento daquele lugar "é muito bom... para surrar pessoas inoffensivas e deixar em liberdade os criminosos."[67]

De vez em quando, após um jornal ter citado o nome de um protetor de Silvino, de Cocada, ou de um outro cangaceiro, o protetor alegado ou, melhor ainda, um amigo desse reagia com um desmentido.[68] Mas, contradizer um artigo, podia por em relevo ainda mais o protagonista na questão. O coronel Joaquim Gonçalves, por exemplo, se dizia muito surpreso de ser considerado um protetor de Antônio Silvino. Como não era do mesmo partido político que certos amigos de Silvino, não poderia colaborar com eles. Em resposta a essa carta, *A Provincia* contra-atacou imediatamente com uma série de perguntas ao coronel, para provar a sua conexão com Silvino ou, pelo menos, as suas ótimas relações com os seus protetores.[69] Para evitar esse tipo de comentários, o desmentido nem sempre era publicado no jornal que tinha estabelecido a ligação da pessoa com o cangaceiro. Assim, em 30 de março de 1906, Antônio Xavier de Moraes, do engenho Pagy, município de Nazaré, escreveu ao chefe da polícia Ulysses Costa, no jornal *A Cidade*. Tinha visto seu nome no *Jornal do Recife* no depoimento de Rio Preto. Não negou, na sua carta, que Cocada tivesse estado em seu engenho mas, quando Cocada pediu sua proteção para poder deixar a vida de cangaceiro, respondeu não ter condições de lhe atender o pedido. Porém, a pedido de Cocada, consentiu em lhe deixar jantar em casa. Depois, Cocada dormiu na casa da caldeira, porém só tomou conhecimento disso na manhã seguinte por intermédio de um empregado. Essa carta foi retomada pela *A Provincia* que acrescentou, como era previsível, os seus próprios comentários. Lembra que foi acusado de "infame calumnia" pelo mesmo jornal *A Cidade*, quando tinha relatado os fatos ocorridos.[70] Parece muita explicação...

A disputa entre os dois jornais não parava aqui. Do lado de *A Provincia* encontrava-se o coronel Antônio Pessoa, do lado da *Cidade*, o coronel Antônio Xavier de Moraes. *A Provincia* também não deixou de mencionar que soube do artigo na *Cidade*, graças a nosso prezado amigo sr. coronel Antonio da Silva Passos e que o coronel Moraes era cunhado do então senador Herculano

Bandeira.[71] Entre 7 de abril de 1908 e 6 de setembro de 1911, Herculano Bandeira de Mello, foi governador de Pernambuco e, quando tomou posse, tentou imediatamente estabelecer uma colaboração contra os cangaceiros, com o seu novo colega paraibano, Monsenhor Walfredo Leal. O resultado dessa cooperação nunca ficou bem claro.[72] O próprio Antônio Pessoa também escreveu uma longa carta para explicar ao chefe da polícia, Dr. Ulysses Costa, a diferença entre "os protetores e perseguidores do famoso bandido".[73] Tipos de discussões parecidas se desenvolverem entre *A Provincia* e *A União*, envolvendo inclusive, entre outros, Antônio Pessoa.[74] *A União* publicava frequentemente artigos dos jornais pernambucanos. Entrava em discussão, elogiando continuamente o governo da Paraíba e o esforço, apesar de mínimo, da polícia ou do exército. Também atacava inimigos políticos, como o senador Gama e Mello.[75] Claro, para esse jornal paraibano, existe o ponto de vista que era o estado de Pernambuco que devia cooperar com o próprio estado.[76]

Enquanto *A Provincia* tentou acumular o maior número de provas contra os situcionistas, protestava com eloquência contra a acusação de um oposicionista ser protetor de Silvino:

> *"O Dr. Guerra é opposicionista. Porque a policia de Nazareth, com os mandões à frente, não invadiu o seu engenho e não capturou* Antonio Silvino*? Prestava assim um servição ao governo e concorria para o desprestigio de um adversário de importancia. Não, srs: mandões e policia preferiram deixar a quadrilha em paz, a fazer visitas e a encher-se de crimes. Ora, o Dr. Guerra amigo de* Antonio Silvino*! Amigo!... Esta idéia acudiu a* Rio Preto *depois de semanas e semanas de profunda cogitação."*[77]

Realmente, parece um ponto válido, que um suposto protetor da oposição podia correr mais risco em proteger Silvino do que aquele que contava com amigos no governo e o apoio da polícia.

Esses ataques políticos nos jornais são bem parecidos com o que se encontra na imprensa portuguesa do século dezenove. Após décadas de guerras (civis), revoluções, rebeliões e levantes na primeira metade do século, no início da segundo metade daquele século essas lutas passem a se articular somente nos jornais. O banditismo também parece ter sido que levou a altercações como o seguinte exemplo de dois trechos mostrará. Nesse caso trata-se do bandido João Brandão, que na sua época foi bem mais famoso que o agora melhor conhecido José do Telhado. Atuou como bandido entre finais dos anos quarenta até finais dos anos sessenta na região da Beira, estando envolvido em lutas de família e participando também em lutas políticas.[78]

O primeiro trecho é do jornal *O Conimbricense* de, jornal editado por Joaquim Martins de Carvalho, inimigo da família publicou uma série de artigos e até livro sobre os chamados "assassinos da Beira", como chamava a família Brandão. Os seus aliados publicavam nesse jornal também, evidentemente.

> *"... Ha mais d'um anno que Manoel Rodrigues Brandão, de mãos dadas com seu irmão João Brandão, Antonio Soares d'Albergaria de Cabanas, e mais individuos seus protectores, conseguiu no* Campeão do Vouga *a publicação d'um infame, e asqueroso libello contra meu irmão o Vigario de Cabanas, contra mim, e parte da minha familia.*
> *Por mais que fiz, nunca pude conseguir, que meu irmão descesse do seu proposito de chamar ao jury o famoso calumniador. Em balde lhe ponderei, que os Brandões, nos concelhos da esquerda do Mondego - Taboa - Arganil - e principalmente Oliveira d'Hospital e Ceia tinham de sobejo testemunhas para deporem quantas falsidades elle lhes quizessem suggerir - e que bem attestava isto o facto dos Brandões terem, por muitas vezes, culpado em crimes seus a muitos individuos, que intentavam perder, ou obrigarem a virem metter-se com elles. Invoco para isto o testemunho de seus proprios parentes Antonio Rodrigues Brandão, e José Joaquim Brandão, e outros, se quizerem, ou poderem dizer a verdade. ...". Beira, 17-2-1858,* Antonio de Miranda.[79]

Os amigos de João Brandão e da sua família tinha como jornal que os apoiava *O Campeão do Vouga*, que existiu bem menos tempo que *O Conimbricense*, não se sabe por

> *"A estas horas, estou convencido, que a voz do Dr. Secco se terá suffocado na camara dos srs deputados, depois do acontecimento do dia 8 do corrente. S. Sª. que se tem mostrado tanto ao facto do que imagina ter-se passado na Beira, invocando sempre a senha do exterminio contra a minha familia, quererá fingir e ignorar, que Antonio de Miranda, o Pilatos, digno irmão do* virtuoso *vigario de Cabanas, Joaquim de Miranda, disparou naquelle mencionado dia dois tiros a queima roupa sobre meu irmão Manoel, em pleno dia, e á face de todo o povo da Lagiosa? Sabemos o que devemos ao sr. Secco, mas não é possivel errarr tanto; não podemos persuadir-nos, que tendo-se o sr. Secco, mostrado tão extrenuo defensor do socego da Beira, com relação a factos, só por elle imaginados, guarde agora o silencio, sobre um, que é todo verdadeiro, e todo de dominio do publico. Que dirá s.sª. agora da suas preconisadas auctoridades, vendo o Adminstrador de*

Oliveira do Hospital de braços crusados deante do celebre Pilatos, É? Acaso fingirá ignorar, que os povos da Beira em peso estão todos indignados contra tal auctoridade? Midões, 24-2-1858, Antonio da Silva Brandão.[80]

Esses dois exemplos demonstram claramente o paralelismo existente entre a imprensa portuguesa nessa época e a imprensa brasileira na época de Silvino. Os correligionários de cada lado estão indignados com a ação ou falta de ação dos inimigos e das autoridades.

No Brasil, não era somente a redação de um jornal que criticava o governo ou a ação da polícia, mas também leitores não hesitavam em mandar cartas com comentários ou sugestões ao governo. Em geral, mandavam essas cartas para jornais que representavam um mesmo ponto de vista, que apoiavam a mesma política. Como as cartas vinham de moradores das áreas onde cangaceiros desenvolviam as suas atividades, a posição ainda era reforçada. Geralmente, mencionava-se Silvino nesses documentos, mas não só ele. Por essa razão, era de estranhar um pouco que o *Jornal do Recife* publicasse uma longa carta, na primeira página, endereçada ao governador do Estado, ao questor e ao público sobre a violência policial de Francisca de Souza Gaião, do Engenho Patos, em Bom Jardim. Essa senhora que vivia temendo os cangaceiros viveu cenas horríveis, com um alferes varejando a sua casa toda, incluindo os quartos das suas filhas pequenas, com praças surrando todos os seus trabalhadores a facão. Depois ouviu que cenas similares aconteceram em muitos engenhos de amigos. Enquanto Silvino, que passou por perto, comportou-se muito bem. O alferes parecia ter o apoio do subdelegado, que era célebre nas paragens "pelas suas conquistas de propriedades com o auxilio de cangaceiros dos quaes vive cercado". Tentaram intimidar o advogado que devia representar um empregado seu, preso porque defendeu-se contra um grupo armado - provavelmente pertencendo ao grupo dessas autoridades - dizendo-lhe que o empregado seria condenado no júri, se o advogado o defendesse.[81]

A violência policial merecia regularmente notícia no jornal mas, geralmente, esse assunto era mais tratado em jornais da oposição.[82] Entretanto, os cidadãos não escreviam somente sobre esse assunto. Numa outra carta, de novo endereçado ao governador do estado, Sigismundo Gonçalves, e ao chefe da polícia, Santos Moreira, seu autor escreveu estar pronto a sacrificar a sua vida para proteger a sua família. Pedia ser informado pela imprensa das medidas eficazes a serem tomadas.[83] Era possível que esse senhor tenha realmente a intenção de combater cangaceiros, mas aguardar instruções nos jornais não parece a melhor solução.

Para bem sublinhar a situação dramática no Nordeste e mais

particularmente no sertão era bom estabelecer analogias com outras regiões que tinham mundialmente fama de serem infestadas por bandidos, e melhor ainda usar termos como a "Calabria pernambucana", ou de comparar os cangaceiros a bandidos famosos internacionalmente: Mussolini, Luigi Vampa, Mandrin, ...[84] Esse paralelo também podia ser usado para o contrário, isso é, estabelecer uma desculpa, como foi feito pelo Governador de Pernambuco, Sigismundo Gonçalves que respondia, no *Jornal do Recife*, a uma carta da Sociedade Auxiliadora da Agricultura, publicada em *A Provincia* por ser o único jornal que defendia "os interesses, a tranquillidade, a segurança de vida dos agricultores de Pernambuco". Segundo o Governador, "a Italia, a Hespanha, apezar de seu progresso, riqueza e incomparaveis condições de superioridade, ainda não se poderam libertar dos seus milhares de bandidos". Nem conseguiram evitar atentados por anarquistas... Evidentemente, *A Provincia* há de acrescentar o seu comentário. Essas comparações não são aceitáveis por razões óbvias. Segundo o jornal, esse Governador realmente está tentando fazer alguma coisa mas, mesmo assim, parecia impossível capturar Silvino, apesar de esse se deslocar numa área muito restrita, ou o cangaceiro Pedro Brasilino. Só precisaria acabar com o patrocínio que certas pessoas lhes ofereciam, moralizar as tropas e seria fácil dar fim as esses grupos de cangaceiros.[85] O fim da atuação do cangaceiro Antônio Silvino só foi efetuado no final do ano de 1914. No dia 27 de novembro daquele ano, uma força conseguiu saber onde Silvino estava, quando "apertando" um coiteiro, esse o traiu. No encontro com a força, Silvino foi gravemente baleado e rendeu-se, o que lamentou amargamente o resto da vida.[86]

A leitura de jornais a partir do assassinato do pai de Antônio Silvino, Pedro Rufino de Almeida Batista, mostra como é difícil analisar os acontecimentos e saber o que realmente aconteceu. Por outro lado, frequentemente, tem-se a impressão que os eventos descritos só servem de pretexto para poder acusar ou defender o governo do próprio estado ou do estado vizinho. Os artigos tornam-se especialmente compridos quando tratam de descrever quem são os protetores de Silvino, os inimigos políticos e quem não poderiam ter conexões com os cangaceiros, os correligionários. Os artigos, os editoriais deixam bem claro quem apoiam e quem são os amigos. Um correligionário é "nosso prezado amigo coronel...", um inimigo político simplesmente como o sr. coronel. Da mesma maneira, para quem apoia o governo, o governador ou chefe da polícia é "honrado", os outros dispensam esse adjetivo. Outras palavras usadas para pessoas importantes e amigas: "digno, distinto, nobre". Para acentuar ainda mais os argumentos e especialmente nomes, usa-se extensamente o itálico, menos a maiúscula. Também a maneira de descrever os cangaceiros e os crimes cometidos depende da posição política.

Por exemplo, pode-se salientar a fraqueza de um governo que não é capaz de agir contra crimes particularmente horriveis, mostrando ao mesmo tempo como a população sertaneja sofre.

Desde o início, a política desempenhou um papel importante na reportagem sobre o cangaço. Na maioria dos casos, implica que só parte do acontecido é relatada ou é, simplesmente, modificada. Portanto, a época estudada mostra que os jornais são uma fonte difícil de ser usada. Todavia, como o cangaço é um assunto de muito relevo nos jornais, não podem deixar de ser empregados, embora com a cautela necessária. Em contrapartida, todos estes fatos relatados, evidenciam a importância da imprensa e seu uso como fonte para a reconstituição da história da sociedade da época de Antônio Silvino. Entre outros aspectos, revela-se particularmente interessante o emaranhado de tramas políticas envolvendo lideranças locais, fazendeiros, autoridades municipais, estaduais e até nacionais, e sua relação muitas vezes ambígua com o cangaço, no caso a figura de Silvino. O interessante é que uma mesma análise pode ser feita na época do banditismo em Portugal, que foi muito importante lá também, porém num período um pouco anterior, nas décadas do meados do século dezenove e um pouco depois. Nesse caso a imprensa é inestimável para se conhecer as alianças e as estruturas de poder. Sobre os fatos do banditismo, jornais devem ser estudados aqui também de modo muito crítico.

NOTAS E REFERÊNCIAS

1. Sobre Antônio Silvino ver Marianne L. Wiesebron, *Antônio Silvino, cangaceiro do Nordeste: sa période d'activités, 1897-1914*, thèse de 3ᵉ cycle, Université de la Sorbonne Nouvelle, Paris III, janeiro de 1980, (a seguir será abreviado em AS). Para uma breve análise dos jornais ver 8-11. Um resumo da tese foi publicado em *Caravelle, C.M.H.L.B.*, nº 53, 1989, 93-112. Sobre a politica local ver Richard Graham, *Patronage and Politics in Nineteenth-Century Brazil*, Stanford, Stanford University Press, 1990; Victor Nunes Leal, *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo, no Brasil*, 2. ed., São Paulo, Alfa-Omega, 1975 (1949); Queiroz, "O coronelismo numa interpretação sociológica" in *História Geral da Civilização Brasileira*, Boris Fausto org., São Paulo, Difel, 1985 (4ª ed.), tomo III, vol 1, 164-171; idem, *O mandonismo local na vida politica brasileira e outros ensaios*, São Paulo, Alfa-Omega, 1976; Wiesebron, "Elecciones en el Brasil, 1880-1900: Bom Jardim y Afogados da Ingazeira (Pernambuco). Relación del poder local con el poder estatal", in Antonio Annino, coord., *Historia de la elecciones en Iberoamérica, siglo XIX*, Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1995, 409-451; *Idem*, "Coronelismo et cangaço, une relation délicate", GRESAL, 1993 nº 93-12, 1-19. Sobre cangaceiros ver Queiroz, *Os cangaceiros*, São Paulo, Duas Cidades, 1977 [tradução pelo autor do original francês: Os cangaceiros, les bandits d'honneur brésiliens , Ed. Julliard, Paris, 1968], sobre o cangaço; ver também Frederico Pernambucano de Mello, *Guerreiros do Sol; o banditismo no Nordeste do Brasil*, Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1985.

2. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, Pernambuco (em seguida abreviado em APEJE PE), Secretaria da Questura Policial do Estado de Pernambuco de 1897, Relatório ao Governador do Estado, N 22, 29-1-1897; *Jornal do Recife*, "Questura Policial", 30-1-1897, 2; *A Província* , "Missivas do Interior-Afogados de Ingazeira - Importante Captura", 28-3-1897, 1.

3. *A Provincia, ibid*; *Jornal do Recife, ibid*; Francisco das Chagas Batista, *A História de Antônio Silvino. Contendo o retrato e tôda a vida de crimes do célebre cangaceiro, desde o seu primeiro crime até a data presente.* - Setembro de 1907, in *Literatura popular em verso: antologia / sel.*, intr. e comentários Manoel Cavalcanti Proença. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1964, 324-325. Sobre os Dantas ver Pedro Baptista, *Cangaceiros do Nordeste* , Parahyba do Norte, Livraria S.Paulo, 1929, e outros.

4. *Jornal do Recife*, "Questura Policial", 1-4-1898, p. 1.

5. *Jornal Pequeno*, "Prisão de Antonio Silvino, Boato Falso, Pormenores, 25-8-1905, 2; *AS*, 184-187.

6. Linda Lewin, "The Oligarchical Limitations of Social Banditry in Brazil: The Case of the "Good" Thief Antônio Silvino", *Past & Present*, nº 82, February 1979, 138-139. Lewin inclui, entre outros, este artigo do *Jornal do Recife* para provar esta asserção.

7. Sobre medidas de segurança adotadas por Silvino, incluindo o fato dele dormir sozinho ver *Jornal Pequeno*, "Prisão de Antonio Silvino, Boato Falso, Pormenores", 25-8-1905, 2; AS, 184-185. Sobre dormir sozinho também ver *A Provincia*, "Companheiros de Antonio Silvino" Supplemento ao nº 22, 28-1-1906, 1

8. Sobre a prisão de Silvino Ayres ver *Jornal do Recife*, "Repartição Central da Policia, 26-11-1898, 1. Sobre ele em geral ver AS, 105-111. Sobre a mudança de nome ver, Ulysses Lins de Albuquerque, *Um sertanejo e o sertão*, 2ª ed., Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília, INL, 1976 (1957), 41; do mesmo autor ver *Moxotó Brabo, Aspectos Histórico-sociológicos de uma região sertaneja - Pernambuco*, 2ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1979 (1960), 53-54. Nesta obra, Luis Mansidão teria assumido o comando antes de Antônio Silvino que teve que esperar a morte de Mansidão. Segundo Ulysses Lins, o assassino do pai teria sido Desidério Ramos e o nome do pai Francisco Batista de Morais; AS, 112-115.

9. Francisco das Chagas Batista, *A vida de Antonio Silvino*, Recife, Imprensa Industrial, 1904, 3.

10. *Jornal do Recife*, "Gazetilhas / Jagunços", 6-1-1899, 2.

11. *Jornal do Recife*, "Gazetilhas / Cangaceiros", 27-4-1899, 2.

12. *Jornal Pequeno*, "Segurança publica", 7-8-1899, 1 (palavras em itálico no texto original).

13. *Ibid*.

14. *Jornal Pequeno*, "Bellezas policiaes", 4-8-1899, 2 (palavras em itálico no texto original).

15. *Jornal Pequeno*, "Regimen da ordem", 7-8-1899, 2.

16. *Ibid*.

17. *Jornal Pequeno*, "Varias / Assalto. Morte e ferimentos na Usina Santa Philonilla do Sr. Coronel Santos Dias", 10-10-1899, 2; 11-10-1899, 2.

18. *Jornal Pequeno*, "Varias / Pormenores. O caso da Usina Santa Philonilla", 13-10-1899, 2.

19. *Jornal Pequeno*, 14-10-1899 e dias seguintes; 10-11-1903, 1. *AS*, 118-122.

20. *Jornal Pequeno*, "Assalto, Pormenores", 17-10-1899, 2.

21. *Ibid*.

22. *Jornal Pequeno*, 18-10-1899, 1; 19-10-1899, 1-2; 20-10-1899; 21-10-1899, 2; 24-10-1899, 2; 26-10-1899, 2; 30-10-1899, 2.

23. *Jornal Pequeno*, "O artigo 122", 31-10.1899, 1; "Dr. Tavares de Mello", 12-5-1900, 2.

24. *Jornal Pequeno*, "Carta de Itabayanna", 25-6-1900, 1-2; Francisco das Chagas Batista, *Antônio Silvino, vida, crimes e julgamento*, São Paulo, Luzeiro, s.d., 6-7.

25. *Jornal do Recife*, "Os Cangaceiros", 28-2-1901, 2; Batista, A História de Antônio Silvino, ...,1907, 328. No jornal, Silvino era só acompanhado de dois homens, Francisco das Chagas Batista assinala seis cangaceiros mortos. Os seis mortos em Caicó são mencionados naquele

jornal, 2-3-1901, 2. Batista, possivelmente, confundiu os dois fatos ocorridos no Rio Grande do Norte; AS, 136-138.

26. Sobre acordos entre estados na luta contra cangaceiros em geral ver Mello, *Guerreiros do Sol*, 157-171, 258-260; sobre Silvino ver especialmente 159-162.
27. *A União*, "Os cangaceiros / D' "O Paiz" (jornal do Rio de Janeiro)", 25-4-1908; *O Tempo*, 27,28,29-11-1912, *Jornal do Recife* , 28, 30-11-1912; AS, 442-445, 549-50.
28. José Rodrigues de Carvalho, *Cancioneiro do Norte*, 3ª ed., Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1967, 28; AS, 550.
29. *Ibid.*
30. *Pacotilha*, 30-1-1913, *apud* Gustavo Barroso, *Heroes e Bandidos*, Rio de Janeiro, Alves, 1917, 256; Mello, *Guerreiros*, 161; AS, 550-551.
31. *A União*, "Os cangaceiros / D' "O Paiz" ", 25-4-1908.
32. Por exemplo, no *Jornal Pequeno*, "Antonio Silvino. Novas proezas. Extorsões de dinheiro", 18-10-1905, 2, a policia não age nos lugares onde Silvino passa.
33. *Jornal Pequeno*, "O famoso Antonio Silvino", 10-11-1903, 1.
34. *Diário de Pernambuco*, "Rio Preto. Seu Depoimento" 29-6-1906, 1; Francisco das Chagas Batista, *A História de Antônio Silvino*, 1907, 328.
35. Eric J. Hobsbawm, *Bandits*, New York, Pantheon Books, 1981, rev. ed. (1969, 1972; Harmondsworth, Pelican Books), 40; Por exemplo para o México ver Paul J. Vanderwood, *Disorder and Progress. Bandits, Police and Mexican Development*, Lincoln and London, University of Nebraska Press, 1981, 30 e seguintes. Frederico Pernambucano de Mello, *Guerreiros do Sol; o banditismo no Nordeste do Brasil*, Recife, FUNDAJ, Ed. Massangana, 1985, 106-107.
36. *Jornal Pequeno*, "Municipio de Floresta", 12-7-1900, 1.
37. *Jornal Pequeno*, "Factos Diversos / Ataque de cangaceiros", 26-7-1900, 2; "Factos diversos / Cangaceiros", 17-10-1900, 2; *A Provincia*, "Os Cangaceiros", 17-10-1900, 1; "Factos diversos / Ao dr. Chefe de Policia", 8-8-1900, 2.
38. *Jornal Pequeno*, "Crimes e Crimes, 9-3-1904, 1; *Jornal do Recife*, "Editorial / Cangaceiros", 6-2-1901, 1.
39. *Jornal do Recife*, "Gazetilhas / Cangaceiros", 10-2-1901, 1 (maiúsculos e itálicos no original).
40. *Jornal Pequeno*, "Cangaceiros", 1-7-1903, 1.
41. *Jornal Pequeno*. ,"O Cangaceiro Antonio Silvino. Assassinato d'um sargento de policia", 6-7-1903, suplemento ao n. 148, 2. Sobre o poder local ver Maria Isaura Pereira de Queiroz, "O coronelismo num interpretação sociológica", in Boris Fausto, dir., *História Geral da Civilização Brasileira*, Tomo III, 1º vol., 4ª ed., São Paulo, DIFEL, 1985, 155-190.
42. *Jornal Pequeno*, "O famoso Antonio Silvino", 10-11-1903, 1.
43. Lewin, "The Oligarchical Limitations...", 131-132. Lewin cita uma carta de Epitácio Pessoa ao seu irmão, do Rio de Janeiro, 11-2-1903 (132).
44. *A Provincia* , "Antonio Silvino", 12-10-1904, 1; *A Provincia* , "Antonio Silvino", 1-3-1906.
45. *A Provincia* , "Rio Preto", 4-4-1906, 1.
46. *Jornal Pequeno*, "Antonio Silvino", 14-12-1903, 1.
47. *Jornal Pequeno*, "Um apello", 20-10-1904, 1 (em itálico no original).
48. *Jornal Pequeno*, "Alferes Cocada. O emissario de Antonio Silvino", 14-12-1905, 1 (em itálico e maiúsculo no original).
49. *A Provincia* , "Antonio Silvino", 14-2-1906,1; *A Provincia* , 1-3-1906, 1.
50. *Diário de Pernambuco*, 29-8-1906, 1, *A Provincia* , "Antonio Silvino", 29-8-1906, 1.
51. Queiroz, *Os cangaceiros*, 81.
52. *Jornal Pequeno*, "O bandido Antonio Silvino", 28-11-1905, 1; *A Provincia*, Rio Preto, 29-3-1906, 4; AS, 190, 243-244, 590-591.
53. *A Provincia* , "Antonio Silvino", 10-11-1906, 1 e 27-11-1906,1. AS, 302-305.

54. *A União*, "A ordem publica", 22-3-1907, 1, por exemplo se estende longamente sobre a confiança que tem no exército. Na realidade, o exército comportou-se tão mal que teve que que ser mandado embora, sem nenhum resultado. Ver AS, 386 e outros.
55. *A União*, "Antonio Silvino", 10-3-1907, 1.
56. *A União*, "Ordem Publica", 18-5-1907, 1.
57. *A Provincia*, "Antonio Silvino", 29-9-1907, 1; *A Provincia*, "Great Western", 3-10-1907, 1, AS, 392.
58. *A União*, "Capitão J.C. Fornel", 19-3-1907, 1; *A Provincia* , "Punir os criminosos", 9-5-1907, 1; AS, 359-360; AS, 365-366.
59. *Diário de Pernambuco* , "Antonio Silvino", 5-3-1907, 1.
60. *Ibid*.; *A Provincia*, "Antonio Silvino", 2-3-1907, 1; *A União*, "Antonio Silvino / Ataque ao Pilar", 2-3-1907, 1.
61. *Diário de Pernambuco*, "Antonio Silvino", 5-3-1907, 1; *A Provincia*, "Antonio Silvino", 2-3-1907, 1; *A União*, "Antonio Silvino / Ataque ao Pilar", 2-3-1907, 1. Sobre esse mesmo ataque ver também José Lins do Rego, *Meus Verdes Anos (Memórias)*, Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s.d. (1956), 188.
62. *A Provincia*, "Companheiros de Antonio Silvino" Supplemento ao nº 22, 28-1-1906, 1 (em itálico no original).
63. *A Provincia* , "Rio Preto", 4-4-1906, 1.
64. *A Provincia*, "Cangaceiros", 16-2-1906, 1; *A Provincia*, "Os Cangaceiros", 20-3-1906, 1; *A Provincia*, "Antonio Silvino", 7-3-1906, 1.
65. *A Provincia* , "Antonio Silvino", 20-1-1906, 1.
66. *A Provincia*, "Os depoimentos de Rio Preto", 5-4-1906, 1. Gonçalves era o Governador do Estado e Santos Moreira, o Chefe da Policia do mesmo Estado.
67. *A Provincia* , "Antonio Silvino", 20-1-1906, 1.
68. *A Provincia* , "Antonio Silvino", 20-4-1906, 1.
69. *A Provincia*, "Os depoimentos de Rio Preto", 6-4-1906, 1.
70. *A Provincia*, "Os depoimentos de Rio Preto", 5-4-1906, 1.
71. *A Provincia*, "Antonio Silvino & C.", 12-4-1906, 1; *A Provincia*, 18-4-1906, 1. Neste último artigo retoma vários trechos do artigo "Rio Preto. Seu Depoimento", do *Diário de Pernambuco*, [de 29-3-1906, 1], só para poder discordar com o conteúdo.
72. AS, 8; sobre cooperação e acordos entre estados ver supra, 5 e nota 26.
73. *A Provincia*, "Publicações solicitadas / Ao sr. dr. Ulysses Costa", 27-4-1907, 2.
74. *A União*, "Monsenhor Walfredo Leal", 13-3-1907, 1.
75. *A União*, "Como se faz politica", 6-11-1907, 1.
76. *A União*, "Banditismo", 11-5-1907, 1
77. *A Provincia*, "Antonio Silvino & C.", 18-4-1906, 1.
78. Sobre banditismo português ver Wiesebron, "Two Portuguese Bandits: José do Telhado and João Brandão", *Portuguese Studies*, vol. 11, 1994, 60-84; *id.*, "Portuguese civil wars, politics and local power, a case study: The Brandões dos Midões"; *Selected Papers, 1994, Consortium on Revolutionary Europe*, Florida State University, 1995, 488-500.
79. *O Conimbricense* , "Noticias diversas", 425, 20-2-1858, 2. Joaquim Martins de Carvalho era o editor desse jornal e inimigo feroz de João Brandão e sua familia. Publicou a sua visão da história primeiro em folhetim no seu jornal, intitulado, "Os assassinos da Beira" ,*O Conimbricense*, 1889, 42º anno, folhetim na 1ª p. de 22-6-1889, nº 4363 a nº 4417; e depois como livro *Os assassinos da Beira, Novos apontamentos para a historia contemporanea*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1890. Nesse jornal também publicavam outros inimigos dos Brandões.
80. *O Campeão do Vouga* , "Secção Epistolar", 600, 6-3-1858, 3.

81. *Jornal do Recife*, "Ao exm. governador deste Estado, ao exm. sr. dr. questor e ao publico / Bom Jardim", 24-5-1902, 5.

82. Por exemplo, no *Jornal Pequeno*, "Factos Diversos / Policia assassina", 5-11-1903, 2; *Jornal Pequeno*, "Antonio Silvino, 21-11-1905, 1.

83. *A Provincia*, "Antonio Silvino", 6-7-1906, 1. Carts de Bento Beryllo Uchôa, engenho Moscow, Bonito.

84. *A Provincia*, "Cangaceiros", 16-3-1906, 1; *A Provincia*, "Antonio Silvino", 31-7-1906, ... Alguns destes bandidos famosos são descritos em Hobsbawm, *Bandits*; outra obra interessante é *The Lives and Exploits of the Most Celebrated Robbers and Banditti of all Countries*, sem autor, mas sem dúvida alguma de Charles Macfarlane, Philadelphia, Evans, s.d. (1833): sobre a Calabria, por exemplo, ver 41-65.

85. *A Provincia*, "Os cangaceiros", 21-6-1906, 1; *Jornal do Recife*, "Ao Dr. Paulo de Amorim Salgado", 22-6-1906, 1; *A Provincia*, "A Policia e os "Cangaceiros" ", 23-6-1906, 1.

86. APEJE PE, Secretaria da Segurança Pública, Delegacia de Policia, Taquaritinga 1910 a 1910 (nove folhas soltas), Relatório do Tenente Theophanes Ferraz Torres, Delegado Commandante do destacamento ao Chefe da Policia, Joaquim Mauricio Wanderley, 1-12-1914. AS, 586-589.